

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA**  
**ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIA DA SAÚDE – ESA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA – OFERTA REGULAR**

**DHESSICA PAIVA DO NASCIMENTO**

**CONTRIBUIÇÕES DA INTERVENÇÃO MOTORA COMPLEMENTAR  
À EQUOTERAPIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA  
DE UMA ACADÊMICA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MANAUS/AM**

**2025**

DHESSICA PAIVA DO NASCIMENTO

**CONTRIBUIÇÕES DA INTERVENÇÃO MOTORA COMPLEMENTAR À  
EQUOTERAPIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA DE UMA  
ACADÊMICA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)  
como requisito final da disciplina Trabalho de  
Conclusão de Curso para a obtenção do título  
de Licenciado em Educação Física.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Andressa Ribeiro  
Contreira

MANAUS/AM

2025

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

N244c

Nascimento, Dhessica Paiva do

Contribuições da intervenção motora complementar à equoterapia : relato de experiência na perspectiva de uma acadêmica do curso de educação física / Dhessica Paiva do Nascimento. Manaus : [s.n], 2025.

29 f.: color.; 21.0 cm.

TCC - Graduação em Educação Física - Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Inclui Bibliografia.

Orientador: Contreira, Andressa Ribeiro.

1. Equoterapia. 2. Psicomotricidade. 3. Desenvolvimento Motor. 4. Transtorno do Espectro Autista. 5. Síndrome de Down. I. Contreira, Andressa Ribeiro (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)796

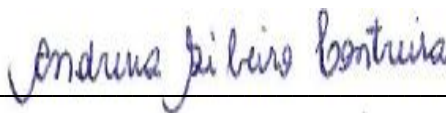
DHESSICA PAIVA DO NASCIMENTO

**CONTRIBUIÇÕES DA INTERVENÇÃO MOTORA COMPLEMENTAR À  
EQUOTERAPIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA DE UMA  
ACADÊMICA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como  
requisito final da disciplina Trabalho de Conclusão  
de Curso para a obtenção do título de Licenciado em  
Educação Física.


Manaus, 28 de novembro de 2025

**BANCA EXAMINADORA**




---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Andressa Ribeiro Contreira (Orientadora)  
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Documento assinado digitalmente  
 **RAFAEL OLIVEIRA DA SILVA**  
Data: 04/12/2025 11:30:54-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Me. Rafael Oliveira da Silva (Avaliador)  
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Documento assinado digitalmente  
 **RODRIGO NARANJO DE OLIVEIRA**  
Data: 03/12/2025 17:30:42-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Me. Rodrigo Naranjo de Oliveira (Avaliador)  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

## RESUMO

**Introdução:** A equoterapia constitui uma prática terapêutica e educacional que utiliza o movimento tridimensional do cavalo para promover estímulos motores, cognitivos, sociais e emocionais em pessoas com deficiência ou necessidades específicas. Entre os públicos mais atendidos, destacam-se crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Síndrome de Down (SD), que comumente apresentam desafios relacionados ao equilíbrio, planejamento à coordenação, ao planejamento motor, à atenção e à interação social. Nesse contexto, a integração entre atividades psicomotoras e a equoterapia mostra-se uma estratégia eficaz para potencializar o desenvolvimento global desses praticantes, ampliando os benefícios gerados pelas sessões realizadas no cavalo. **Objetivo:** Este trabalho teve como objetivo relatar minha experiência como acadêmica de Educação Física na oferta de um programa de intervenção psicomotora complementar à equoterapia, desenvolvido com praticantes diagnosticados com TEA e SD. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de um relato de experiência vinculado ao programa de extensão “Educação, Inclusão e Qualidade de Vida”. A intervenção ocorreu ao longo de 12 semanas no Núcleo de Equoterapia da Polícia Militar do Amazonas (PMAM), com oito participantes, com idades entre 4 e 14 anos. As sessões, com duração média de 25 minutos, foram realizadas após a prática da equoterapia e contemplaram atividades de equilíbrio, locomoção, manipulação e habilidades da vida diária. Os registros foram feitos por meio de um diário de campo e de uma escala de percepção da competência motora. **Resultados:** Observou-se evolução significativa nas habilidades motoras, especialmente no equilíbrio estático e dinâmico, na coordenação motora fina e global e no planejamento motor. Houve ainda avanços comportamentais e sócio afetivos, como maior interação social, melhor aceitação de regras, redução da insegurança e aumento da autonomia nas tarefas. Participantes inicialmente resistentes passaram a engajar-se com mais motivação, demonstrando maior confiança e disposição para experimentar novos movimentos. A intervenção também favoreceu o vínculo afetivo com a equipe, fortalecendo a participação e promovendo a construção de um ambiente seguro e acolhedor. **Considerações finais:** A intervenção psicomotora complementar demonstrou ser um recurso eficaz para enriquecer os benefícios da equoterapia, contribuindo para o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional de crianças e adolescentes com TEA e SD. A experiência proporcionou aprendizados essenciais para a formação acadêmica, evidenciando a importância da prática reflexiva, da adaptação das atividades e da sensibilidade às particularidades individuais. Os resultados reforçam que programas que integram psicomotricidade e equoterapia são promotores de inclusão, autonomia e qualidade de vida, além de fortalecer a atuação do profissional de Educação Física em contextos terapêuticos e educativos.

**Palavras-chave:** Equoterapia; Psicomotricidade; Desenvolvimento Motor; Transtorno do Espectro Autista; Síndrome de Down.

## ABSTRACT

**Introduction:** Equine therapy is a therapeutic and educational practice that uses the three-dimensional movement of the horse to promote motor, cognitive, social, and emotional stimulation in people with disabilities or specific needs. Among the most served populations are children and adolescents with Autism Spectrum Disorder (ASD) and Down Syndrome (DS), who commonly present challenges related to balance, coordination, motor planning, attention, and social interaction. In this context, the integration between psychomotor activities and equine therapy proves to be an effective strategy to enhance the overall development of these participants, expanding the benefits generated by the sessions performed on horseback. **Objective:** This work aimed to report my experience as a Physical Education student in offering a psychomotor intervention program complementary to equine therapy, developed with participants diagnosed with ASD and DS. **Methodological procedures:** This is an experience report linked to the extension program "Education, Inclusion and Quality of Life". The intervention took place over 12 weeks at the Equine Therapy Center of the Amazonas Military Police (PMAM), with eight participants aged between 4 and 14 years. The sessions, lasting an average of 25 minutes, were held after equine therapy practice and included activities of balance, locomotion, manipulation, and daily living skills. Data was collected through a field diary and a motor competence perception scale. **Results:** Significant progress was observed in motor skills, especially in static and dynamic balance, fine and gross motor coordination, and motor planning. There were also behavioral and socio-affective improvements, such as greater social interaction, better acceptance of rules, reduced insecurity, and increased autonomy in tasks. Participants who were initially resistant became more motivated, demonstrating greater confidence and willingness to try new movements. The intervention also fostered a stronger emotional bond with the team, strengthening participation and promoting the creation of a safe and welcoming environment. **Final considerations:** Complementary psychomotor intervention proved to be an effective resource for enriching the benefits of equine therapy, contributing to the motor, cognitive, and emotional development of children and adolescents with ASD and Down Syndrome. The experience provided essential learning for academic training, highlighting the importance of reflective practice, adaptation of activities, and sensitivity to individual particularities. The results reinforce that programs that integrate psychomotor skills and equine therapy promote inclusion, autonomy, and quality of life, in addition to strengthening the role of the Physical Education professional in therapeutic and educational contexts.

**Keywords:** Equine therapy; Psychomotor skills; Motor development; Autism Spectrum Disorder; Down Syndrome.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>9</b>
2.1 Caracterização do estudo .....	9
2.2 Descrições do Contexto .....	9
2.3 Público da ação interventiva e procedimentos éticos .....	10
2.4 Delineamento da intervenção motora, recursos e critérios de avaliação .....	12
<b>3. RELATO DE EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>16</b>
3.1 Reflexões e ponderações.....	24
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Equoterapia é uma prática terapêutica e educacional que utiliza o cavalo como mediador no processo de reabilitação e desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência ou com necessidades específicas. Essa abordagem interdisciplinar vem sendo amplamente reconhecida por seus benefícios no aperfeiçoamento motor, cognitivo, emocional e social dos praticantes, integrando estímulos físicos e sensoriais em um ambiente motivador e inclusivo (ANDE-BRASIL, 2018).

Entre os públicos atendidos pela equoterapia, destacam-se as crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Síndrome de Down (SD), que frequentemente apresentam atrasos ou dificuldades em habilidades motoras, de equilíbrio, de coordenação e de integração sensório-motora. Nesses casos, o movimento tridimensional do cavalo, combinado às atividades planejadas e orientadas por uma equipe multiprofissional, proporciona experiências que estimulam o controle postural, a orientação espacial, a socialização e o desenvolvimento da autonomia (Costa *et al.*, 2017; Santos; Rêgo; Silva, 2022).

Além disso, estudos recentes têm aprofundado a compreensão do impacto das intervenções psicomotoras e motoras no desenvolvimento de crianças com TEA e SD, destacando objetivos, características dos participantes e resultados consistentes. Em relação ao TEA, pesquisas como as de Hassen *et al.* (2023), Zhao *et al.* (2022) e Koch *et al.* (2015) descrevem programas estruturados de estimulação psicomotora e atividades motoras adaptadas, voltados principalmente a crianças em idade pré-escolar e escolar. Esses programas têm como objetivos aprimorar o equilíbrio, a coordenação motora, o planejamento motor, a autorregulação e o engajamento social. Os resultados evidenciam melhorias significativas no controle postural, na integração sensorial e nas habilidades motoras amplas.

No caso da SD, estudos como os de Wuang *et al.* (2011), Pitetti *et al.* (2013) e Karimi *et al.* (2023) demonstram avanços expressivos decorrentes de intervenções psicomotoras e fisioterapêuticas, com foco no controle postural, no fortalecimento muscular, na coordenação e na autonomia funcional. Essas intervenções têm se mostrado eficazes para promover maior estabilidade, melhora nos padrões locomotores e ganho de participação social. De modo geral, tanto em crianças com TEA quanto com SD, as evidências convergem no indício de que programas psicomotores sistemáticos e progressivos constituem uma estratégia promissora para o desenvolvimento motor e

cognitivo, colaborando para a ampliação das capacidades funcionais e da qualidade de vida desses indivíduos.

Dessa forma, a integração entre atividades psicomotoras e equoterapia representa uma estratégia de grande potência para o desenvolvimento global de pessoas com TEA e SD, unindo o estímulo físico e emocional promovido pelo cavalo à prática intencional e educativa das intervenções motoras. A aplicação da intervenção mostra-se relevante não apenas por complementar outras formas de estimulação, mas também por oferecer uma experiência inclusiva, lúdica e integradora, capaz de potencializar o desenvolvimento global e a qualidade de vida desses indivíduos.

Ao consultar a literatura, constatamos que o programa de extensão “Educação, Inclusão e Qualidade de vida” é pioneiro ao oferecer em seus subprojetos, atividades motoras complementares à equoterapia, o que demonstra a relevância da experiência aqui relatada. Diante das informações apresentadas, o principal objetivo deste artigo foi relatar minhas experiências como acadêmica de Educação Física na oferta de um programa de intervenção psicomotora aos praticantes de equoterapia com TEA e SD. Como objetivos específicos encontram-se: 1) Desenvolver atividades psicomotoras aplicadas no contexto da equoterapia; 2) Analisar os impactos da intervenção psicomotora no comportamento, na comunicação e na coordenação motora dos praticantes com TEA e SD e 3) Refletir sobre o papel formativo da experiência acadêmica na atuação junto à inclusão de pessoas com deficiência no Núcleo de Equoterapia.

## **2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **2.1 Caracterização do estudo**

Este estudo configura-se como um relato de experiência protagonizada por uma acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado do Amazonas-UEA, no contexto de sua formação docente, a partir da execução de um subprojeto de atividades psicomotoras voltado para crianças com TEA e SD, participantes de sessões de equoterapia no Núcleo de Equoterapia da Polícia Militar do Estado do Amazonas (PMAM), localizada na cidade de Manaus-AM.

Segundo Mussi, Flores e Almeida (2021), relatos de experiência são tipos de produção de conhecimento, cujos textos tratam das vivências acadêmicas e/ou profissionais em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), caracterizados pela descrição da intervenção, com embasamento científico e reflexão crítica.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como propósito apresentar minhas experiências na oferta de uma intervenção psicomotora, destacando os aprendizados, os desafios enfrentados e as reflexões construídas ao longo do processo, que contribuíram significativamente para minha formação acadêmica e para a construção da identidade profissional docente.

A experiência aqui relatada decorreu da participação no programa de extensão "Educação, inclusão e qualidade de vida em praticantes de equoterapia: Fortalecimento entre o curso de Educação Física e o Núcleo de Equoterapia da Polícia Militar do Amazonas". O programa foi devidamente registrado no Sistema de Projetos da Universidade do Estado do Amazonas (SISPROJ/UEA), sob o nº 47862 e teve seu período de execução compreendido entre 01/08/2023 a 31/07/2025. Atualmente, estou cursando o 8º período da Licenciatura em Educação Física, etapa em que tive uma vivência mais intensa e significativa com atividades psicomotoras, especialmente por meio da atuação no Núcleo de Equoterapia.

### **2.2 Descrições do Contexto**

As atividades foram desenvolvidas no Núcleo de Equoterapia da Polícia Militar do Amazonas (PMAM) - Regimento de Policiamento Montado – Bairro Dom Pedro I, Manaus- AM (Figura1), decorrentes de uma parceria entre UEA e PMAM. Atualmente, o núcleo atende cerca de 140 praticantes, abrangendo crianças, jovens e adultos inseridos

nas quatro fases do programa de Equoterapia que são: Hipoterapia, voltada à estimulação sensorial e motora; Educação/Reeducação, que trabalha aspectos cognitivos, de linguagem e coordenação; Pré-esportiva, direcionada ao desenvolvimento da autonomia e preparação para práticas equestres; e Esportiva Paraequestre, que possibilita ao praticante competir em modalidades adaptadas de hipismo (ANDE-BRASIL, 2018).

**Figural:** Regimento de Policiamento Montado –Bairro Dom Pedro I, Manaus-AM



**Fonte:** Autor (2025)

Os praticantes da Equoterapia apresentam necessidades específicas ou algum tipo de deficiência, entre as quais destaco as seguintes: Paralisia Cerebral, TEA, Transtorno de Hiperatividade, SD, Síndrome de West, entre outras.

As sessões de equoterapia ocorrem nos turnos matutino e vespertino, uma vez por semana, com duração de 20 minutos, e os atendimentos são gratuitos e assistenciais. Hoje o quadro de praticantes é estimado em torno de 170 praticantes. Todos os praticantes da equoterapia são atendidos por uma equipe multidisciplinar completa, composta por mais de 30 profissionais das áreas de saúde, educação e equitação. Todos são capacitados e qualificados para garantir o acompanhamento individualizado de cada praticante, incluindo o suporte social às famílias.

A equipe deste Núcleo de Equoterapia é composta por profissionais com diversas formações, civis ou militares, entre os quais: fisioterapeutas, psicólogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais, profissionais de educação física, equitadores, médicos veterinários, entre outros profissionais especializados.

### **2.3 Público da ação interventiva e procedimentos éticos**

Embora o núcleo atenda a uma diversidade de pessoas com deficiências e

necessidades específicas, a presente intervenção foi voltada especificamente para crianças e adolescentes diagnosticados com TEA e SD. Destes, foram participantes oito indivíduos, todos do sexo masculino, com idades entre 4 e 14 anos (Quadro 1).

Como intuito de preservar a identidade dos praticantes e respeitar os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, os sujeitos foram identificados pelas siglas P1, P2, P3 e assim sucessivamente, sem menção de nomes ou de quaisquer dados pessoais que possibilitem sua identificação. As informações complementares acerca de cada participante estão sistematizadas no Quadro 1, que sintetiza as principais características relevantes para o delineamento e a condução do programa de intervenção psicomotora.

**Quadro 1:** Caracterização dos participantes do programa de intervenção motora.

<b>Identificação</b>	<b>Idade</b>	<b>Diagnóstico</b>	<b>Linguagem</b>	<b>Rede de Ensino</b>	<b>Objetivo com a prática da Equoterapia</b>
P1	4	TEA	Verbal	Ensino Regular	Desenvolver a autonomia e a motricidade fina e grossa.
P2	11	TEA	Verbal	Ensino Regular	Necessita de estímulos sensoriais e motores para desenvolver a atenção e a percepção corporal.
P3	10	TEA	Verbal	Ensino Regular	Desenvolver interação social e a linguagem.
P4	8	TEA	Verbal	Ensino Regular	Desenvolver limites, atenção, socialização, motricidade, autonomia, equilíbrio,
P5	5	TEA	Verbal	Ensino Regular	Fortalecimento corporal, social, interativo, autonomia, motricidade fina e ampla. Estabelecer limites e regras e melhorar o comportamento diante de frustrações.
P6	6	TEA	Não verbal	Escola Especial	Estimular a motricidade global.
P7	14	TEA	Verbal	Ensino Regular	Estimular o freio inibitório, a força global, a autonomia e a interação social e com os animais.
P8	9	SD	Verbal	Ensino Regular	Melhorar o tônus muscular, promover melhor o equilíbrio, coordenação e estimular o controle postural.

**Fonte:** Autor (2025)

Conforme observado no Quadro 1, sete apresentaram comunicação verbal funcional e um demonstrou comunicação predominantemente não verbal. No que se refere à escolarização, a maioria frequenta instituições de ensino regulares, enquanto

apenas um está matriculado em uma Escola de Educação Especial. De modo geral, observou-se que os objetivos relatados pelos responsáveis para a participação de seus filhos na Equoterapia abrangem o desenvolvimento de aspectos motores, cognitivos, socioafetivos e comportamentais, contemplando dimensões como atenção, percepção corporal, autonomia, socialização, equilíbrio e controle emocional.

As demais características dos praticantes, referentes aos aspectos cognitivos, socioafetivos e motores, são apresentadas no Quadro 2.

**Quadro 2:** Caracterização dos participantes quanto aos aspectos cognitivos, sócio afetivos e motores.

<b>Identificação</b>	<b>Cognitivo</b>	<b>Sócio afetivo</b>	<b>Motor</b>
P1	Em alguns momentos, apresenta irritabilidade; compreende ordens. desenvolver tomada de decisão.	Bastante comunicativo e participativo.	Não apresenta dificuldade motora. É necessário apenas aprimorar a coordenação motora fina e grossa.
P2	Entende ordens, apresenta déficit cognitivo, distúrbios de compreensão e de atenção e hiperatividade	Gosta de abraçar, não gosta de brincar, em casos de frustrações grita e chora.	Hipotonia leve generalizada.
P3	Chora quando contrariado, apresenta comprometimento linguístico, tendo QI preservado acima da média. Apresenta sintomas de desatenção, hiperatividade, comportamento opostos e desafiadores.	Tranquilo, atende aos comandos da equipe.	Sem dificuldade motora. Possui pouca funcionalidade na fala, apresentando linguagem funcional.
P4	Compreende ordens e comandos verbais, apresenta dificuldade quanto à atenção	Consegue socializar bem com a equipe multidisciplinar.	Não apresenta dificuldade motora, nem limitações físicas.
P5	Entende as ordens, apresenta cognitivo preservado, consegue expressar-se de forma adequada.	Aceita mudanças na rotina, no entanto, tem dificuldades em lidar com frustrações, reagindo com choro.	Não apresenta dificuldade motora ou na marcha. Estímulo para melhorar a motricidade, a coordenação e o equilíbrio.
P6	Seletivo em relação à textura, sono agitado, chora facilmente quando se frustra. Não gosta de fechados não têm noção de perigo.	Não gosta de ficar sozinho	Não apresenta dificuldade motora.
P7	Perda de 50% da audição, distúrbios de compreensão, entende ordens e comandos, se comunica de forma favorável.	Bastante colaborativo nas sessões, atende aos comandos da equipe	Realiza todas as atividades propostas sobre o cavalo, sem dificuldade nem resistência.
P8	Apresenta dificuldade quanto à atenção.	Gosta muito de interagir e de abraçar	Realiza todas as atividades propostas pela equipe.

Fonte: Autor (2025)

#### 2.4 Delineamento da intervenção motora, recursos e critérios de avaliação

As sessões da intervenção motora foram realizadas nas dependências do Núcleo

de Equoterapia da Polícia Militar do Amazonas (PMAM), com duração de 12 semanas, no período de 24 de março a 13 de junho de 2025. Os encontros ocorriam uma vez por semana, no período matutino, sempre após as sessões de equoterapia, respeitando a rotina e o estado físico dos participantes atendidos.

Cada sessão teve duração média de 25 minutos, organizada de forma progressiva para promover o desenvolvimento psicomotor por meio de práticas estruturadas visando a estimulação das habilidades motoras fundamentais (locomotoras, estabilizadoras, manipulativas, bem como atividade da vida diária). Dentre as atividades selecionadas para a aplicação, encontram-se as de estímulo ao equilíbrio estático e dinâmico, de manipulação, de locomoção, de atividades de vida diária e de circuitos psicomotores.

Além disso, buscou-se promover o engajamento sensorial das crianças, respeitando suas particularidades e ampliando o repertório de experiências corporais. A organização da oferta de atividades oferecidas semanalmente, conteúdos propostos e exemplos de atividades, pode ser observada no Quadro 3.

**Quadro 3:** Organização semanal das atividades de intervenção motora, segundo as habilidades estimuladas nos praticantes.

<b>Organização geral das atividades de intervenção motora</b>		
<b>Semanas</b>	<b>Habilidade a ser estimulada</b>	<b>Exemplos de Atividades</b>
Semana I e II	Equilíbrio estático e Locomoção	Deslocamento sobre linhas/cordas; deslocamento com empilhamento de cones; pareamento de cones por cores; atividade “Ajude o cavalo”.
Semana III e IV	Equilíbrio estático de Manipulação	Deslocamento sobre linhas/cordas; deslocamento sobre bambolês; empilhamento e pareamento de cones; atividade “Ajude o cavalo”.
Semana V e VI	Atividades da vida diária, Locomoção, Equilíbrio estático	Locomoção e condução da bola com os pés; caminhar com um objeto sobre a cabeça; pescaria de cones; torre de cones.
Semana VII e VIII	Equilíbrio estático	Condução da bola com os pés; caminhar com um objeto sobre a cabeça; pescaria de cones; torre de cones.
Semana IX e X	Atividade de vida diária e Equilíbrio estático	Guardar tampinhas; amarrar cadarço; estender roupas; derrubar cone chinês; pegar bolinhas.
Semana XI e XII	Locomoção, Manipulação e Atividades da vida diária	Rosquear tampas; enrolar o cavalo; pescaria; caminhar sobre a linha trocando bolinhas; salto em ziguezague.

**Fonte:** Autor (2025)

As atividades propostas ao longo das semanas foram planejadas considerando as necessidades específicas de desenvolvimento motor e psicossocial dos praticantes com TEA e SD (Quadro3). Os espaços disponibilizados para a intervenção compreenderam dois ambientes principais: uma área gramada externa, localizada ao lado do picadeiro,

utilizada sempre que as condições climáticas eram favoráveis, e uma sala interna cedida pelo núcleo. A alternância entre esses espaços permitiu a realização de atividades em contextos variados, favorecendo a exploração de diferentes estímulos sensoriais, a vivência em ambientes naturais e a adaptação às condições ambientais.

No que tange aos recursos materiais empregados durante a execução das atividades motoras, foram utilizados elementos estruturados de baixa complexidade, como bambolês, cordas e cones, devidamente incorporados ao planejamento pedagógico da intervenção. Complementarmente, recorreu-se a materiais diversos, incluindo bolas, papelões, arcos, fitas e garrafas plásticas, selecionados de acordo com os objetivos específicos de cada sessão. A escolha desses recursos pautou-se em critérios de funcionalidade, segurança e adequação às necessidades dos participantes, visando estimular os domínios motor, cognitivo e socioafetivo. Dessa forma, os materiais atuaram como mediadores pedagógicos no processo de desenvolvimento global dos praticantes, em consonância com os princípios da psicomotricidade e em articulação com as atividades complementares de equoterapia.

Anteriormente à aplicação da intervenção, realizamos uma capacitação com os membros do programa, visando a organização e a definição das atividades e dos materiais que seriam utilizados durante a intervenção, assim como revisões bibliográficas sobre os tipos de metodologias de intervenções, duração das práticas e atividades psicomotoras adequadas para à população em questão.

Com relação aos critérios de avaliação do progresso dos praticantes ao longo das sessões de intervenção motora, utilizamos um diário de campo para registro individual em cada uma das sessões, bem como a escala de Percepção de Competência Motora em forma de emojis, a qual os participantes poderiam apontar em uma escala Likert de 1 a 6 pontos, como se sentiram realizando as atividades, conforme apresentado na figura 2.



Fonte: Autor (2025)



**Figura 2:** Emojis para a avaliação da percepção de competência motora, segundo o Fundamental Motor Skills (Copetti; Valentini, 2024)

Em se tratando dos aspectos éticos, buscou-se seguir os procedimentos institucionais da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) para a submissão e execução do projeto de extensão, incluindo a autorização da Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA) para o desenvolvimento das atividades, bem como a autorização da coordenação do núcleo e da gestora da instituição parceira para a realização das intervenções. Além disso, foi solicitado aos responsáveis legais dos praticantes o Termo de Autorização para Uso de Imagem e Participação, que permite o registro fotográfico e audiovisual exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, garante o anonimato, a confidencialidade das informações e o direito de desistência dos participantes a qualquer momento.

### 3. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nas primeiras sessões da intervenção motora (Semanas I e II), os principais objetivos foram estimular o equilíbrio estático e dinâmico, bem como favorecer a locomoção e a familiarização com o ambiente e os materiais utilizados. Nessa fase inicial, o foco era promover segurança e confiança, permitindo que os praticantes se sentissem à vontade para participar das atividades e explorar seus movimentos com autonomia. Segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), o estímulo às habilidades fundamentais, como equilíbrio, locomoção e manipulação é essencial para o aprimoramento da coordenação motora, da organização espacial e da percepção corporal, servindo de base para o desenvolvimento de habilidades mais complexas.

As atividades propostas envolviam deslocamentos em linhas e cordas, em diferentes direções e velocidades, para estimular o equilíbrio e o controle corporal (Quadro 3). Realizamos também o empilhamento e o pareamento de cones por cores, buscando estimular a coordenação motora fina, a concentração e a atenção às instruções. Além disso, ofertamos a atividade lúdica “Ajude o cavalo”, na qual os praticantes precisavam transportar pequenos objetos até o local indicado, simulando o cuidado com o animal. Essa dinâmica despertou o interesse e a imaginação das crianças, tornando o momento mais divertido e significativo.

Notei que alguns praticantes demonstraram certa insegurança ao realizar os deslocamentos, especialmente ao caminhar sobre superfícies instáveis ou estreitas. Essa hesitação é compreensível, considerando que crianças com TEA e SD frequentemente apresentam alterações no tônus muscular, na coordenação e no processamento sensorial, o que pode comprometer o equilíbrio e a percepção corporal durante o movimento.

Por esse motivo, busquei oferecer apoio verbal e físico sempre que necessário, reforçando positivamente cada tentativa e valorizando os pequenos progressos. Aos poucos, percebi que, com a repetição das atividades e o fortalecimento da confiança, os participantes começaram a realizar os movimentos com mais segurança e fluidez.

Ao final dessas semanas, já era possível observar maior confiança e engajamento, especialmente no P1 e no P2, que começaram a explorar os movimentos de forma mais espontânea. Essa espontaneidade se manifestava em ações motoras e comportamentais sutis, porém muito significativas: alguns passaram a caminhar com mais firmeza, sem esperar instruções a cada passo; outros experimentaram diferentes formas de deslocamento, como andar de lado, em ziguezague ou alternando o ritmo dos passos. Também houve quem iniciasse os movimentos por conta própria, como tentar equilibrar-

se sobre um pé só ou prolongar o tempo de permanência nas atividades. Como mostra a Figura 3, observamos a destreza do praticante com os cones durante a atividade.

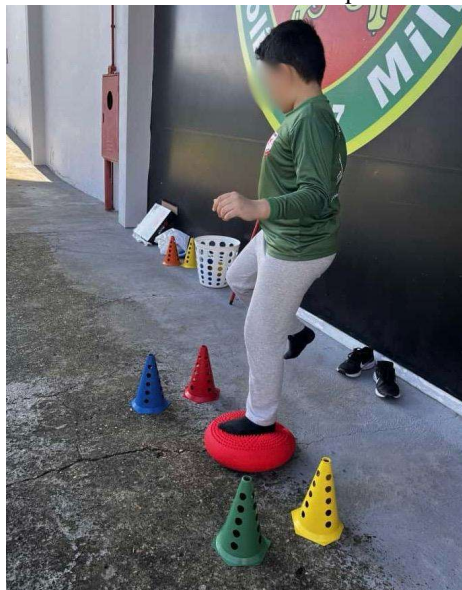
**Figura 3:** Praticante realizando o empilhamento de cones



Fonte: Autor (2025)

Além disso, observei maior expressividade corporal e emocional, com sorrisos, gestos e olhares de satisfação após cada conquista. Essas manifestações demonstraram que os participantes estavam ganhando confiança e se sentindo mais confortáveis para interagir com o ambiente, revelando avanços tanto no controle motor quanto na autonomia e na motivação para participar das atividades. Na Figura 4, vemos o praticante realizando o equilíbrio e o controle corporal, com concentração e autonomia.

**Figura 4:** Praticante realizando o equilíbrio estático



Fonte: Autor (2025)

Observei que, ao final da segunda semana, já havia progresso perceptível, o grupo passou a realizar as tarefas com menos apoio, demonstrando maior controle corporal e coordenação nos deslocamentos. As atividades lúdicas, especialmente as que envolviam desafios e imaginação, mostraram-se eficazes para manter a atenção e o engajamento dos participantes. Essa etapa foi essencial para criar vínculo, despertar a confiança e preparar os praticantes para os próximos desafios motores.

Nas Semanas III e IV, as atividades foram direcionadas ao estímulo do equilíbrio estático e à manipulação de objetos, com o objetivo de promover maior controle postural e coordenação entre mãos e olhos. O objetivo dessa fase era fazer com que os praticantes associassem a estabilidade corporal à execução de movimentos de precisão, estimulando simultaneamente a concentração, o foco visual e o ajuste motor fino.

As propostas incluíram deslocamentos sobre bambolês, com pausas para mudanças de direção e de postura, e o empilhamento de cones. Essas atividades, embora simples, exigiam atenção, controle do corpo e percepção espacial, pois envolviam movimentos simultâneos de sustentação e de manipulação. Durante as sessões, observei que P3 demonstrava curiosidade e persistência, mesmo diante das dificuldades iniciais para coordenar os movimentos. Essa postura revelou-se um indicador importante de engajamento, uma vez que demonstrava não apenas interesse pelas atividades, mas também disposição para enfrentar desafios motores que exigiam atenção, controle postural e integração sensório-motora.

A cada tentativa, mesmo quando o movimento não se concretizou com precisão, era possível perceber sua motivação para compreender a tarefa e aprimorar sua execução. Nesse processo, meu papel, articulado ao trabalho dos demais integrantes da equipe, concentrou-se em demonstrar os movimentos, oferecer apoio técnico e emocional e adaptar as demandas ao nível de cada praticante. A prática de ajustar gradualmente a complexidade das tarefas está alinhada ao que Karimi et al. (2023) defendem ao analisarem intervenções psicomotoras estruturadas.

Segundo os autores, a evolução de habilidades como coordenação, estabilidade e autonomia depende de desafios progressivos, cuidadosamente calibrados para evitar tanto a frustração quanto a acomodação. Eles apontam que a relação entre estímulo adequado e encorajamento consistente é determinante para que o praticante se mantenha envolvido e avance em seu processo de desenvolvimento funcional. Essas reações mostraram o quanto o vínculo afetivo e o clima de encorajamento são fundamentais para o desenvolvimento motor e emocional, especialmente em atividades que exigem

concentração e controle postural.

Nas Semanas V e VI, as atividades foram voltadas ao domínio do equilíbrio estático, locomoção e habilidades de vida diária, buscando integrar o movimento corporal a ações funcionais e cotidianas. Introduzimos exercícios como condução de bolas com os pés, caminhadas com objetos equilibrados sobre a cabeça e a atividade lúdica de pesca de cones (Figura 5), que exigiam controle postural, coordenação olho-pé e concentração. No início dessa etapa, percebi que alguns praticantes demonstravam frustração e resistência diante das tarefas mais complexas. P6, por exemplo, mostrava-se inseguro e evitava repetir os movimentos quando não conseguia realizar a atividade de forma satisfatória. Diante disso, procurei demonstrar cada etapa da tarefa, dividir as ações em pequenas etapas e valorizar cada conquista, por menor que fosse.

Essa estratégia facilitou a compreensão e reduziu a ansiedade, permitindo que os praticantes se sentissem mais confiantes e motivados. Foi especialmente gratificante perceber que P4 e P5 apresentaram evolução expressiva na coordenação motora e no engajamento social. Ambos passaram a interagir mais com os colegas e demonstraram satisfação ao concluir as atividades com êxito. Essas experiências reforçaram o valor educativo e terapêutico da prática da equoterapia integrada a atividades psicomotoras, evidenciando como o movimento pode ser uma poderosa ferramenta de inclusão e de desenvolvimento global.

**Figura 5:** Pescaria de cones



**Fonte:** Autor (2025)

Quanto às atividades realizadas nas semanas VII e VIII, o foco esteve voltado ao aperfeiçoamento do equilíbrio estático e ao fortalecimento do controle postural. As tarefas propostas envolveram a condução de bola com os pés, caminhadas com objetos sobre a cabeça e a pescaria de cones, atividades que exigiam atenção, estabilidade corporal e coordenação entre diferentes segmentos do corpo. Segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), habilidades relacionadas ao controle postural constituem bases estruturantes do desenvolvimento motor, pois sustentam a aquisição de movimentos mais refinados e complexos, especialmente em crianças com atrasos no desenvolvimento. Durante essas sessões, os praticantes demonstraram maior firmeza nas caminhadas e maior controle na condução de objetos, evidenciando evolução tanto na coordenação dinâmica quanto na segurança motora.

Esses achados são coerentes com Hassen et al. (2023), que apontam que estímulos repetidos direcionados ao equilíbrio contribuem para melhorias significativas no controle postural em crianças com transtorno do espectro autista. De modo semelhante, Karimi et al. (2023) defendem que intervenções motoras sistematizadas promovem o refinamento progressivo das habilidades globais, especialmente quando há continuidade e objetivos motores bem delimitados.

A repetição dos exercícios e a constância dos estímulos mostraram-se essenciais para a consolidação dessas habilidades, uma vez que proporcionaram familiaridade com os movimentos e reduziram a hesitação inicial. Gallahue, Ozmun e Goodway (2013) ressaltam que o aprendizado motor depende de prática frequente, sobretudo quando envolve padrões emergentes de movimento, pois a repetição consolida ajustes neuromotores e favorece respostas mais automáticas. Nesse sentido, a constância das vivências corporais funcionou não apenas como fator de domínio motor, mas também como estratégia pedagógica para aumento da autoconfiança nas execuções.

Minha atuação esteve pautada por uma postura ativa e encorajadora, com intervenções verbais e demonstrações que buscavam reforçar a autonomia dos participantes nas tarefas. Tirapegui et al. (2017) enfatizam que a intervenção psicomotora eficaz não se limita à execução dos exercícios, mas envolve interação sensível, estímulos afetivos e acompanhamento contínuo que auxiliam na internalização das habilidades motoras trabalhadas.

Conforme Santos, Rêgo e Silva (2022), o estabelecimento de vínculos de confiança e o reforço positivo nas práticas corporais têm papel decisivo no engajamento e no avanço motor de pessoas com deficiência. Ao final dessas semanas, percebi que o

equilíbrio estático, inicialmente um grande desafio, passou a ser executado com maior controle, espontaneidade e prazer.

Nas Semanas IX e X, os estímulos foram direcionados às atividades de vida diária e ao aperfeiçoamento do equilíbrio estático, com o intuito de aproximar os praticantes de situações concretas do cotidiano e favorecer aprendizagens funcionais. As propostas envolveram coordenação fina, planejamento motor e resolução de problemas, como nas atividades de “guardar tampinha”, amarrar cadarços, estender roupas e derrubar cones. Segundo De Meur e Staes (1984), tarefas psicomotoras que integram a manipulação de objetos, o controle tônico e a organização espacial contribuem diretamente para o desenvolvimento de competências motoras que sustentam a autonomia nas ações diárias. Esse tipo de intervenção também dialoga com Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), afirmam que o engajamento em atividades orientadas para um propósito funcional fortalece o repertório motor e amplia a capacidade de transferir habilidades aprendidas para outros contextos.

Além disso, a aproximação às tarefas da vida diária reforça o papel pedagógico da psicomotricidade ao estabelecer relações entre movimento, significado e contexto sociocultural. Nessa perspectiva, Karimi et al. (2023) destacam que intervenções motoras com foco adaptativo favorecem avanços na independência e no engajamento social, especialmente em crianças com desenvolvimento atípico. De modo semelhante, Tirapegui et al. (2017) ressaltam que a intervenção psicomotora tem maior impacto quando promove vivências corporais que extrapolam o treino motor isolado, mobilizando processos cognitivos e afetivos relacionados à ação intencional. Assim, ao privilegiar situações próximas à vida prática, as atividades realizadas não apenas potencializaram o equilíbrio e a coordenação, mas também fortaleceram aspectos funcionais, ampliando a aplicabilidade das habilidades adquiridas na rotina dos participantes.

No início dessa fase, percebi que alguns praticantes demonstraram frustração e dificuldade em iniciar as tarefas sem auxílio direto, principalmente as que exigiam mais precisão manual ou sequência de ações. Assim, procurei demonstrar cada movimento de forma clara e lúdica, dividir as atividades em etapas menores e reforçar positivamente cada tentativa, valorizando o esforço e não apenas o resultado final. Foi notável observar o progresso do P5 e P3, que passaram a realizar as atividades com menor intervenção direta, demonstrando independência crescente, maior planejamento motor e engajamento nas atividades coletivas.

**Figura 6:** Praticante realizando a atividade de guardar as tampinhas



**Fonte:** Autor (2025)

**Figura 7:** Atividade de estender roupas



**Fonte:** Autor (2025)

Ao final desta etapa, observou-se que o desenvolvimento da autonomia funcional esteve acompanhado de maior autoestima e de um sentimento de competência por parte dos participantes, elementos essenciais para o desenvolvimento integral. Essa relação encontra sustentação em Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), que afirmam que a ampliação das capacidades motoras contribui para percepções positivas de autoeficácia, favorecendo o engajamento e a motivação para novos desafios. Do mesmo modo, De Meur e Staes (1984) destacam que experiências psicomotoras bem-sucedidas fortalecem a consciência corporal e o sentimento de capacidade, aspectos que repercutem diretamente na construção da identidade e na confiança para agir no mundo.

A prática psicomotora integrada à equoterapia, portanto, não se limita ao aprimoramento motor, mas atua de forma relacional e subjetiva, promovendo significado, autonomia e participação ativa nas atividades propostas. Tirapegui et al. (2017) ressaltam

que intervenções psicomotoras que articulam vivências corporais, afetivas e sociais favorecem não apenas avanços biomecânicos, mas também elementos de socialização, autonomia e integração.

As últimas semanas XI e XII integraram todas as habilidades desenvolvidas, com circuitos que combinavam locomoção, manipulação e atividades funcionais, como rosquear tampas (Figura 8), enrolar o cavalo, pescaria e saltos em ziguezague. Nessa fase, percebi que a confiança e autonomia dos participantes estavam claramente mais desenvolvidas. Meu papel consistiu em orientar de forma mais leve, permitindo que explorassem os movimentos por conta própria, celebrando cada conquista e reforçando a interação social.

Foi gratificante observar P1, P4, P6 e P8 completando os circuitos com concentração, motivação e alegria, evidenciando o progresso global alcançado ao longo da intervenção.

**Figura 8:** Praticante realizando a atividade de rosquear tampas



**Fonte:** Autor (2025)

De forma geral, a experiência possibilitou o estabelecimento de vínculos afetivos significativos com os praticantes, o que favoreceu a compreensão de suas particularidades, ritmos de aprendizagem e formas singulares de interagir com as atividades propostas. Ao acompanhar sistematicamente o progresso de cada criança e adolescente ao longo das semanas, foi possível observar avanços nas habilidades motoras, cognitivas e sócio afetivas, o que evidencia a natureza multidimensional do desenvolvimento humano. Gallahue, Ozmun e Goodway (2013) defendem que o aprimoramento motor está interligado a fatores afetivos e motivacionais, de modo que conquistas corporais podem fortalecer a autoconfiança, a autonomia e a disposição para

interações sociais significativas. De Meur e Staes (1984) enfatizam que a psicomotricidade compreende o sujeito em sua totalidade, integrando corpo, afeto e cognição em experiências que favorecem maior expressão e participação no ambiente.

Assim, os resultados observados não apenas atestam o desenvolvimento motor dos praticantes, mas também evidenciam que a intervenção psicomotora complementar à prática da equoterapia contribui para a formação integral, promovendo vínculos, segurança afetiva e engajamento social de maneira consistente ao longo do processo. A presença constante, o incentivo personalizado e a adaptação das atividades às necessidades individuais mostraram-se fundamentais para promover engajamento, motivação e segurança emocional, fortalecendo a relação de confiança entre os praticantes e a equipe.

Essas observações dialogam com ANDE-BRASIL (2018), que enfatiza a importância do ambiente acolhedor e do vínculo entre terapeuta e praticante na efetividade da equoterapia. Cada atividade adaptada, estímulo ou sorriso reafirmou a relevância da mediação sensível e responsiva, alinhada à perspectiva psicomotora de De Meur e Staes (1984), segundo a qual a construção de habilidades motoras envolve interação entre corpo, afeto e experiência significativa no contexto da ação. Nesse sentido, os resultados obtidos reforçam a ideia de que programas psicomotores mediados pelo movimento e pela interação com o cavalo contribuem para o desenvolvimento global dos praticantes, integrando aspectos motores, emocionais e sociais e ampliando as condições de participação inclusiva em diferentes contextos.

### **3.1 Reflexões e ponderações**

Além das mudanças observadas nos participantes, a experiência me proporcionou também um processo de aprendizado e amadurecimento profissional. Como futura profissional de Educação Física, percebi a importância de planejar com intencionalidade, adaptar as atividades às diferenças individuais e, sobretudo, atuar com empatia, paciência e sensibilidade. Essa postura dialoga com os princípios de Freire (1996), que compreende a prática educativa como um processo de reflexão constante sobre a ação. Nesse sentido, cada sessão tornou-se um espaço de reflexão sobre o meu papel enquanto educadora, permitindo-me compreender que a técnica deve estar a serviço da humanização e da inclusão.

Educar e cuidar, como demonstrado nesta experiência, vai muito além da execução de exercícios. Envolvem afeto, escuta e compromisso ético como outro. A

experiência vivenciada reafirmou o papel essencial e transformador da Educação Física no contexto terapêutico e inclusivo. Conforme defendem Costa *et al.* (2017) e ANDEBRASIL (2018), a atuação do profissional de Educação Física na Equoterapia vai além do ensino do movimento: envolve promover a acessibilidade, o bem-estar e a inclusão social.

O desenvolvimento e a execução do programa de intervenção exigiram planejamento cuidadoso, observação contínua e sensibilidade para compreender as singularidades de cada participante. O profissional de Educação Física precisa ajustar as atividades, acolher as limitações e reconhecer avanços que, embora por vezes sutis, representam importantes indicadores de desenvolvimento dos participantes. Conforme Tirapegui *et al.* (2017), a intervenção psicomotora fundamenta-se na articulação entre movimento, afeto e interação social, de modo que os progressos emergem tanto no domínio motor quanto na construção de autonomia e participação. Assim, os resultados observados reforçam a ideia de que práticas corporais mediadas por vínculos e experiências significativas podem favorecer a formação integral dos praticantes, promovendo o desenvolvimento motor, a segurança afetiva e o engajamento social.

Assim, as vivências no Núcleo de Equoterapia contribuíram não apenas para o desenvolvimento dos praticantes, mas também para meu crescimento pessoal e profissional, ampliando competências em planejamento, adaptação e condução de programas psicomotores voltados a indivíduos com TEA e SD. Essa experiência reforçou a ideia de que a atuação do profissional de Educação Física nesse contexto requer empatia, sensibilidade e reflexão constante sobre a prática, de modo a ajustar as estratégias pedagógicas e terapêuticas às necessidades e potencialidades de cada praticante, em consonância com o compromisso da Educação Física com a inclusão e a transformação social.

Em consonância, Santos, Rêgo e Silva (2022) destacam que a qualidade do vínculo entre o profissional e o praticante é determinante para o sucesso das intervenções motoras, especialmente em contextos com a equoterapia, em que o afeto e a confiança são elementos fundamentais para promover o engajamento e o progresso do praticante.

Dessa forma, essa vivência consolidou em mim a percepção de que a prática reflexiva, quando aliada ao vínculo afetivo, constitui um dos pilares mais importantes para o sucesso de qualquer processo de aprendizagem e desenvolvimento humano, sobretudo em contextos inclusivos e terapêuticos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo relatar minha experiência como acadêmica de Educação Física na oferta de um programa de intervenção psicomotora desenvolvido com praticantes de equoterapia com SD e TEA. De modo geral, os resultados observados ao longo do programa demonstraram avanços consistentes nas habilidades motoras e psicossociais dos praticantes, evidenciados pelo aprimoramento da coordenação, do equilíbrio, da comunicação e da autonomia nas atividades da vida diária.

Também foi possível perceber melhoras na interação social, na autoconfiança e na concentração, o que demonstra que o contato com o cavalo, aliado às atividades motoras planejadas e adaptadas, gera benefícios significativos para o desenvolvimento global de pessoas com TEA e SD.

A vivência reafirmou a importância de intervenções motoras integradas à equoterapia, pois o movimento do cavalo, somado a atividades lúdicas e psicomotoras, oferece uma experiência corporal completa, capaz de estimular tanto as dimensões físicas quanto as cognitivas e emocionais. Essa abordagem interdisciplinar reforça o papel da Educação Física como área que contribui ativamente para processos terapêuticos e inclusivos, valorizando o corpo como meio de aprendizagem, expressão e autonomia.

Do ponto de vista da minha formação, essa experiência foi profundamente significativa. Pude ampliar minhas competências em planejamento, adaptação e condução de atividades motoras, desenvolvendo também uma escuta sensível, empatia e um olhar reflexivo sobre minha prática. A convivência com os praticantes me ensinou que cada evolução, por menor que pareça, representa uma grande conquista tanto para eles quanto para mim enquanto futura profissional. Entre os pontos positivos da experiência, destaco o fortalecimento do vínculo com os praticantes, o trabalho colaborativo com a equipe multiprofissional e a oportunidade de vivenciar, na prática, o impacto transformador da complementação de programas psicomotores somados à equoterapia.

Já como pontos desafiadores, durante o desenvolvimento da intervenção, houve a desistência de alguns participantes, por motivos pessoais, não interferindo na continuidade e nos resultados das atividades propostas, também ressalto a necessidade constante de adaptar as atividades às limitações individuais, o tempo reduzido para execução de algumas propostas e a exigência de planejamento contínuo para atender às diferentes demandas dos praticantes. Tais desafios, embora exigentes, contribuíram para o meu amadurecimento profissional e reforçaram a importância da flexibilidade e da

criatividade na atuação do profissional de Educação Física.

Entre as limitações da intervenção, destaco o número reduzido de sessões e o curto período de acompanhamento, o que impossibilitou uma análise quantitativa dos resultados. Ainda assim, qualitativamente, foi possível observar mudanças relevantes no comportamento, na postura e na autonomia dos praticantes, o que demonstra o potencial de programas dessa natureza.

Por fim, acredito que este trabalho pode servir de referência para outros pesquisadores e profissionais interessados em desenvolver intervenções psicomotoras associadas à equoterapia. Recomendo que estudos futuros ampliem o tempo de intervenção, diversifiquem os instrumentos de avaliação e explorem novas formas de integração entre a Educação Física e outras áreas da saúde.

Experiências como esta, reafirmam que, quando o movimento é trabalhado com propósito, sensibilidade e afeto, ele se torna um poderoso instrumento de transformação tanto para o praticante quanto para o profissional que o acompanha.

## 5 REFERÊNCIAS

ANDE-BRASIL – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. **Manual de Equoterapia**. 3.ed. Brasília: ANDE-Brasil, 2018.

COSTA, V.S. F. et al. Effect of hippotherapy in the global motor coordination in children with Down syndrome. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 7, n. 3, p. 39–46, 2017.

DE MEUR, A.; STAES, L. **Elementos básicos da psicomotricidade**. In: DE MEUR, A.; STAES, L. *Psicomotricidade: educação e reeducação*. Trad. Ana Maria Izique Galuban; Setsuko Ono. São Paulo: Manole, 1984. cap. 2, p. 9–18.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 40.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C.; GOODWAY, J.D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

GONZAGA, C. N. et al. Detecção e intervenção psicomotora em crianças com transtorno do espectro autista. **Colloq Vitae**, v. 7, n. 3, p. 71–79, 2015. DOI: 10.5747/cv.2015.v 07. N 03. V 146.

HASSEN, I. B. et al. Effect on postural control and sensory integration in children with autism spectrum disorder. **Children**, v.10, n.3, p.1–12, 2023. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10528896/>. Acesso em: 19 nov. 2025.

KARIMI, A. et al. Motor-language links in children with Down syndrome: a scoping review. **Frontiers in Psychology**, v. 14, p. 1–14, 2023. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2023.1098752/full>. Acesso em: 13 nov. 2025.

KOCH, S. et al. Effects of dance movement therapy and movement-based interventions in children with autism: a randomized controlled trial. **European Journal of Sport Science**, v. 15, n. 2, p. 1–9, 2015.

LOPES, P. N. et al. Effects of motor skills and physical activity interventions on motor development in children with Autism Spectrum Disorder: a systematic review. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 54, n. 2, p. 857–871, 2024.

MONTÁGUE, C. et al. Intervention based on psycho motor rehabilitation in children with Autism Spectrum Disorder (ASD): effect on postural control and sensory integration. **Frontiers in Psychology**, v. 14, 2023. DOI: 10.3389/fpsyg.2023.1278359.

MUSSI, R.F.F.; FLORES, F.F.; ALMEIDA, C.B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021.

PINHEIRO, B. M. S. et al. A importância da estimulação psicomotora para crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Human and Social Development Review**, v. 3, n. 1, e10020, 2022.

PITETTI, K. et al. The efficacy of treadmill training on gait function and cardiovascular fitness in adolescents with Down syndrome. **Journal of School Health**, v. 83, n. 9, p. 566–572, 2013.

SANTOS, L. S.; RÊGO, L. L.; SILVA, C. P. Benefícios da abordagem fisioterapêutica através da equoterapia em crianças com Síndrome de Down: revisão integrativa. **ID Online Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 16, n. 61, p. 507–519, 2022.

SILVA, L. R.; NASCIMENTO, M. A.; FREITAS, C. M. Benefícios da equoterapia no desenvolvimento motor e social de crianças com deficiência intelectual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 26, n. 4, p. 703–716, 2020.

TIRAPEGUI, J. et al. Sensorimotor group intervention improves gross motor acquisition in young children with Down syndrome. **Physical Therapy**, v. 99, n. 7, p. 815–824, 2019.

TIRAPEGUI, J. et al. Psicomotricidade e desenvolvimento motor em crianças com Síndrome de Down. **Revista de Educação Física**, v. 28, n. 1, p. 112–123, 2017.

WUANG, Y. P. et al. Effectiveness of sensory integration, perceptual–motor, and computer-based interventions for children with Down syndrome: a randomized controlled trial. **American Journal of Occupational Therapy**, v. 65, p. 131–139, 2011.

ZHAO, M. et al. Motor skill interventions for children with autism spectrum disorder: a systematic review. **Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing**, v. 35, n. 3, 2022.